



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO – PGFILE

DANIEL DE LIMA AVELINO

**FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO E SUAS RELAÇÕES COM O ENSINO E COM A
FORMAÇÃO DO HOMEM**

CAMPINA GRANDE-PB

2016

DANIEL DE LIMA AVELINO

**FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO E SUAS RELAÇÕES COM O ENSINO E COM A
FORMAÇÃO DO HOMEM**

Trabalho de Conclusão de Curso –
Monografia – apresentado ao Programa de
Pós-Graduação em Filosofia da Educação
– PGFILE – UEPB – como requisito
parcial à obtenção do título de Especialista
em Filosofia da Educação.

Orientador: Professor Dr. Valmir Pereira

**CAMPINA GRANDE- PB
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

Avelino, Daniel de Lima.

Filosofia da educação e suas relações com o ensino e com a formação do homem [manuscrito] / Daniel de Lima Avelino. - 2016.

36 p.

Digitado.

Monografia (Filosofia da Educação) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.

"Orientação: Prof. Dr. Valmir Pereira, Filosofia".

1. Controle social. 2. Filosofia da educação. 3. Ensino formal. 4. Crítica educacional. I. Título.

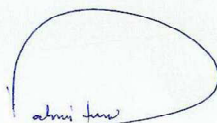
21. ed. CDD 370.1

DANIEL DE LIMA AVELINO

A Filosofia da Educação e suas relações com o ensino e com a formação do homem

Trabalho de Conclusão apresentado ao programa de Pós-Graduação em Filosofia da Educação (PGFILE) da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Filosofia da Educação.

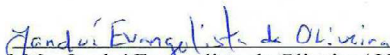
Aprovado em 25/08/2016.



Prof. Dr. Valmir Pereira / UEPP
Orientador



Prof.ª. Dra. Aliceane de Almeida Vieira / UEPP
Examinadora



Prof. Me. Janduí Evangelista de Oliveira / UEPP
Examinador

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus Pai e a Jesus Cristo único salvador e libertador que se faz presente todos os dias da minha vida me auxiliando nos momentos bons e ruins.

É certo que a Filosofia abre minha mente e me faz enxergar além daquilo que a religião e as Divindades mostram, mas aquele que sabe para onde vai não se desvia nem para a direita nem para a esquerda. O senhor é meu refúgio e fortaleza...!

Agradeço a minha família que faz o impossível para me ajudar, tira de onde não tem para que eu possa continuar estudando.

Sou grato ao corpo docente dessa especialização que com palavras duras nos apresentaram a realidade, mas com palavras sábias nos ensinaram o caminho a ser trilhado para sair da caverna. “Não tenhamos ilusões”.

RESUMO

O presente trabalho tem como finalidade apresentar partes da trajetória da educação no decorrer do tempo, abordando de início a finalidade da escola em cada época e como eram vistas as crianças, que são à quem é destinada a educação básica atualmente, assim, vendo como eram estipuladas os currículos educacionais para cada faixa etária e sua especificidade. No decorrer do trabalho trilhamos caminho para a finalidade e funcionalidade da educação filosófica, ou seja, tenderemos a abordar a filosofia em todo esse contexto educacional. Para tal trabalho foram realizadas pesquisas acerca dos processos educacionais fazendo uso de obras e artigos que versassem entre o ensino educacional, currículo e filosofia. A educação escolar por muito tempo não teve os objetivos que encontramos na sociedade atual, sua finalidade era unicamente ensinar a ler e escrever na maioria das vezes não importando se eram crianças, adolescente ou adulto, o que era oferecido era para todos de um único modo. Com o passar do tempo percebe-se a necessidade de divisão do alunado para a facilitação do aprendizado geral, tornado assim mais fácil adquirir e efetivar uma escola que realmente visasse o aprendizado concreto. Porém essa modificação educacional surge na intenção de qualificar a sociedade para o trabalho, já que para manusear máquinas operárias seria necessário algum tipo de qualificação. Diante de tão drástica mudança educacional que sai do aprender a ler e escrever para o aprender a trabalhar não vemos na escola uma disciplina que ensine a pensar o mundo como ele é, o que se tem é apenas o aprendizado necessário ao trabalho. Todavia, na educação atual encontramos a Filosofia que vem com o intuito de apresentar a realidade da forma como é realmente aos alunos que irão ao mercado de trabalho. Assim analisaremos qual é realmente o poder da Filosofia da educação dentro dos parâmetros do ensino formal.

Palavras-chave: Controle social. Filosofia da Educação. Ensino formal. Crítica educacional.

ABSTRACT

This work aims to show a small trajectory of education over time, approaching start school purpose each season and as they were considering the children, who are the one who is destined to basic education now, so seeing as they were stipulated the educational curriculum for each age group and their specificity. During the work path to tread the purpose and functionality of philosophical education, that is, we tend to address the philosophical throughout this educational context. For this work were carried out research on the educational processes making use of books and articles that traverse between educational teaching, curriculum and philosophy. School education for a long time did not have the goals that we find in today's society its purpose was only to teach to read and write most of the time regardless of whether they were children, adolescent or adult, what was offered was for everyone in a unique way. Over time we see the need for student body division for the facilitation of general learning, making it easier to purchase and carry a school that really should aim concrete learning. But this educational change arises in an attempt to qualify the company for the job, since for workers handling machines some kind of qualification would be necessary. Faced with such drastic educational change out of learning to read and write to learn to work not see in school discipline to teach to think the world as it is, what you have is just learning needed to work. However, in the current education we find the philosophy that comes with the intention of presenting the reality of how it is actually the students will go to the labor market. So we analyze what is really the power of education philosophy within the parameters of formal education.

Key words: Social Control. Philosophy of Education. Formal education. Educational criticism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: BREVES RELATOS.....	11
1.1 Concepção de escola e ensino formal.....	12
2. A FILOSOFIA NA ESCOLA.....	18
2.1 O ensino de filosofia: Filosofia da educação.....	19
3.A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO E SUA RELAÇÃO COM A FORMAÇÃO DO HOMEM.....	25
3.1 Filosofia da educação: o que ela é capaz de fazer?.....	25
3.2 a filosofia da educação para além da sala de aula.....	30
CONSIDERAÇÕES.....	32
REFERÊNCIAS.....	34
ANEXOS.....	35

INTRODUÇÃO

A filosofia da educação é uma das áreas específicas de todo o conjunto que engloba a Filosofia, sendo considerada uma “disciplina” que visa à reflexão sobre os processos e sistemas educacionais procurando investigar e estudar os procedimentos didáticos e como se dá os meios deste ensino, investigando não somente as metodologias, mas mostrando como o ensino deve seguir. Neste sentido de haver uma filosofia preocupada em abordar os processos didáticos e educativos, me proponho a mostrar como esta filosofia está organizada para ajudar na formação do pensar reflexivo, não de qualquer pensamento, mas sim do pensar corretamente dentro das atribuições filosóficas que nos dá a condição para refletir sobre nossas ações tomando posição quando necessário e analisando as coisas com seus devidos cuidados.

O interesse por esse tema se dar devido a necessidade que a Filosofia tem de se efetivar enquanto disciplina nos currículos educacionais, buscando mostrar a partir de pesquisas e análises em obras históricas, filosóficas e em documentos educacionais da atualidade como ela, a Filosofia da Educação, se faz cada dia mais necessária dentro das salas de aulas para que se possa efetivar uma educação emancipatória.

Ao concluir o curso de Licenciatura em Filosofia pela Universidade Estadual da Paraíba- UEPB apresentei um trabalho intitulado “*O ensino de filosofia no ensino médio: objetivos explícitos e implícitos*” onde se abordada os objetivos do ensino de filosofia nesta fase da educação mostrando como a filosofia atual está preocupada em formar pessoas bem informadas e que possam tomar partido diante de situações diversas. Com o presente trabalho pretendo desenvolver uma pesquisa mais aprofundada sobre os conceitos de Filosofia da Educação, visando abordar qual sua relação com o ensino da Filosofia, não necessariamente apenas no ensino médio, mas sim, mostrar quais as propriedades e qual a importância da Filosofia da Educação no ensino de forma geral, abordando os processos didáticos e os meios filosóficos para a educação.

Explano ao logo do trabalho como a Filosofia da Educação é capaz de transformar a educação formal de nossa realidade fazendo com que o ensino se torne mais acessível ao pensamento livre, crítico e reflexivo. Com essa capacidade de ação reflexiva os alunos deixam de ser meros espectadores de sua realidade passando a serem atuantes e modificadores. Assim a pesquisa aborda a Filosofia da Educação como um atributo fundamental para a transformação da educação em algo que sirva de fato para o melhoramento da sociedade.

Para que o trabalho se concretize é necessário ver o percurso feito tanto pela Filosofia quanto pela Educação no decorrer do tempo. Deste modo o trabalho no todo se divide em 3

(três) capítulos, mostrando inicialmente como se dava a educação para a sociedade na Idade Medieval apontando como não existia uma concepção de educação formal pública, mas que apenas os bem nascidos tinham condições de estudar nas igrejas e mosteiros. É apenas com a evolução da sociedade que há a necessidade de fundações de escolas e assim nasce o ensino formalizado como conhecemos.

Em seguida, no segundo capítulo temos como foco a dificuldade da inserção e a finalidade da filosofia das salas de aulas, mostrando como ela sofreu para se efetivar no currículo, mas que apesar de todas as dificuldades se mostra cada vez mais comprometida com o ensino nas escolas.

No terceiro capítulo, diferentemente do ponto anterior que foca no ensino da filosofia no geral, aborda-se a Filosofia da Educação como formadora do ser social, mostrando como se deve analisar a história, não só da educação mas como um todo para que não se cometa os mesmos erros do passado, mas que se possa interagir e modificar para melhor.

Neste sentido mostraremos um contexto histórico da Educação para podermos observar se a filosofia trás, e de que forma trás a reflexão dentro do espaço educacional e na vida das pessoas. Vale aqui salientar que a Filosofia da Educação serve para “desbanalizar” aquilo que é considerado banal dentro das relações humanas, além de tornar claro aquilo que está “oculto” diante do preconceito e menoridade intelectual da sociedade. Nessa mesma direção, ela serve, numa primeira instância, para apontar à sociedade aquilo que aparentemente está escondido, obviamente, dentro dos “territórios da educação”, ou seja, do sistema educacional e que em seguida vem como meio de mostrar às pessoas como se deve pensar sistematicamente, já que para pensar e expor ideias é preciso métodos no pensamento.

1. HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: BREVES RELATOS.

Sabemos que durante toda a história a educação teve seus momentos e evoluções, algumas boas e outras nem tanto olhando do ponto educacional, porém todas contribuem para o resultado que temos hoje. Tomando como base inicialmente a obra *História social da criança e da família* de Philippe Ariès (1914-1984) publicado em 1975 podemos citar alguns relatos ali expostos, que nos revela como era a educação em boa parte da Idade Média, tendo aquele período como ponto de partida para a efetivação do artigo. Ressalvando que o período estudado inicialmente está entre meados do século VI até o século X. Nas pesquisas feitas por aquele autor podemos perceber que na história da família e da criança durante toda a idade medieval a criança era vista como um pequeno adulto e não havia muita diferença entre o que os adultos pensavam e faziam para o que era oferecido às crianças. Durante toda a idade média não existia uma concepção formada sobre a criança. Na verdade, não existia uma criança e sim um adulto em miniatura, por muitas vezes tido como um homem anão, que não permaneceria baixinho para sempre, mas já era um homem.

Neste mesmo sentido, onde não havia uma concepção de criança e até mesmo uma concepção da pessoa, podemos ver que durante muito tempo na Idade Média não se tem uma concepção de educação social e conseqüentemente não é possível definir um conceito de escola, muito menos que essa tenha existido, já que em muitos casos como o texto de Philippe Ariès deixa bem claro que aqueles que recebiam algum tipo de educação “escolar” eram as crianças que se destinavam celibato. Ou seja, os pais mandavam para tornarem-se padres ou pessoas da IGREJA, que neste caso eram essencialmente as católicas, já que ainda não existia as divisões religiosas do cristianismo. Aqueles que não tinham aptidões religiosas ou os pais não tinham alguém conhecido dentro da IGREJA ou conventos, não aprendiam a ler nem a escrever, ficando analfabetos mesmo. Estes, quando não seguiam a profissão do pai, já que a mãe era indiscutivelmente criada para ser dona de casa, trilhava o caminho do exército, começando muito cedo, iniciando muitas vezes a partir dos dez anos de idade.

Assim, não existia um entendimento dizendo que a criança tem que estudar ou brincar ou que o estudo é fundamental para o desenvolvimento tanto pessoal quanto social, como temos a partir da modernidade e se prolongando até os dias atuais. A criança ia para a linha de frente dos exércitos, pois era apenas um adulto de pouca idade. O texto de Philippe Ariès diz

A criança se afastava logo de seus pais, e pode-se dizer que durante séculos à educação foi garantida pela aprendizagem, graças à convivência da criança ou do jovem com os adultos. A criança aprendia as coisas que devia saber

ajudando os adultos a fazê-las. A passagem da criança pela família e pela sociedade era muito breve e muito insignificante para que tivesse tempo ou razão de forçar a memória e tocar a sensibilidade (ARIES, 1981, p.3).

Deduzimos, pelo acima exposto por aquele autor, que a educação oferecida era unicamente a do convívio com os mais experientes passando de pai para filho e em outros casos o aprendizado pelo exército. A concepção de escola para educar e instruir não se passa nem em sonhos nesta época medieval, muito menos o conceito de aprendizagem formal e adequado a faixa etária, o sistema que se compara um pouco com o dos dias atuais é o da IGREJA cristã que formava pessoas para a vida do celibato e defensor do Evangelho de Jesus Cristo, surgindo assim vários filósofos renomados que até hoje conhecemos. Mas não é esse ponto que queremos abordar, já que aquela educação oferecida pela IGREJA não era pra todos e muito menos para o livre pensar, era rigidamente pensada para seguir as regras da igreja e de modo algum o pensamento que se estendesse para fora dessa ordem seria aceito.

1.1 Concepções de escola e ensino formal

Com o passar do tempo viu-se a necessidade da criação de um espaço educacional destinado à formação das pessoas para a vida social, tendo em vista que a expectativa de vida aumentava a cada ano e a sociedade evoluía e se modificava a todo o momento. Assim, era necessário um espaço em que se educasse as pessoas mesmo que essa educação fosse apenas aprender a ler, escrever e se comportar na sociedade. No entanto, mesmo depois da criação da escola mais parecida com a que conhecemos hoje, iniciada no final da idade média, se caracterizando como uma atitude moderna, em que os pais mandavam seus filhos para o mestre professor lhe ensinar a ler e escrever decorando as coisas que se devia aprender, não se tinha separações adequadas entre jovens, crianças ou adultos. No mesmo espaço “educacional” em que se encontravam as crianças, podia encontrar facilmente adultos que não tiveram oportunidades de estudar anteriormente, mas que tinham o desejo de aprender mesmo que fosse apenas o básico do básico, expressando a necessidade que o homem tem de buscar o conhecimento.

Depois que essa espécie de educação foi formulada, percebeu que a situação assim como estava não era adequada, vendo que o currículo sempre era o mesmo e que os alunos mais velhos sempre viam as mesmas coisas e acabavam aprendendo mais que os novos, se é que isso possa ser considerado aprendizado, apenas o ato de repetição ministrado pelo professor.

Quando esta situação foi modificada, separando os alunos mais velhos dos mais novos por classes distintas, não ocorreu por considerarem as crianças como crianças e tinham que defendê-las como tal ou que o aprendizado seria melhor se houvesse uma divisão, mas foi unicamente por causa da quantidade de alunos existente e se era para haver uma separação que fosse por tamanho.

Esse quadro nos passar das décadas se modificou, assim como todo o conceito de escolaridade e aprendizado, sabendo que tudo isso vai desaguar na escolaridade como modo de controle social, iniciando a partir do adestramento infantil. Vejamos o que o autor fala a respeito das divisões de classe nesta época.

No início, o senso comum aceitava sem dificuldade a mistura das idades. Chegou um momento em que surgiu uma repugnância nesse sentido, de início em favor das crianças menores. Os pequenos alunos de gramática foram os primeiros a ser distinguidos. Mas essa repugnância não parou neles. Estendeu-se também aos maiores, alunos de lógica e de física e a todos os alunos de artes. É que, embora tivesse começado pelos mais jovens, essa separação não os atingia enquanto crianças, e sim enquanto estudantes, e no princípio enquanto estudantes-clérigos, pois quase todos eram tonsurados. Por essa razão, não se aplicou aos estudantes, com o fito de distingui-los dos adultos, um regime realmente infantil ou juvenil, aliás, não se conhecia nem a natureza nem o modelo de tal regime. Desejava-se apenas proteger os estudantes das tentações da vida leiga, uma vida que muitos clérigos também levavam, desejava-se proteger sua moralidade. (ARIES, 1998, p.158).

Percebemos claramente que a educação antes, durante e depois da formação concreta dos colégios e mesmo depois das separações por idade do alunado, continua sendo apenas para o aprendizado repetitivo, não tendo referência que nos fale que o aluno era instruído a pensar por si mesmo, mas apenas repetir o que lhe era passado. A instituição que tinha mais um pouco de informação era a instituição religiosa, mas como já mencionado, eram rígidas e dogmáticas, não dando espaço ao pensamento livre.

Já nesta época a sociedade desejava pessoas que soubessem ler e escrever, e mais que isso, queria pessoas que soubessem obedecer ao que lhe dissessem ao que era imposto. Assim, a educação formal que a idade média, iniciando a modernidade proporciona, nada mais é que o início de uma forma de controle social a partir da escola, talvez porque crescendo nas ruas sem educação estivesse dando muito trabalho para controlar¹.

Com a chegada da idade moderna, houve uma mudança radical na educação formal tanto para jovens como para adultos. Essa educação mais formal com currículos, regras e carga horária estipulada para o aprendizado e a formação da sociedade, era oferecida tanto em

¹ A esse respeito, confira o anexo 1 explorando um pouco do currículo escolar medieval.

escolas públicas como em escolas “particulares” com o propósito de formação e controle social do homem. Com essa ideia moderna de educação, permeada por uma revolução industrial e educacional em que o homem tinha por obrigação possuir alguma escolaridade para que pudesse assumir algum tipo de emprego formal e juntamente com a ideia capitalista exploradora de mão-de-obra qualificada que visavam unicamente o controle, para que juntamente com a educação pudesse impor regras às ações do povo é que o ensino escolar passou a ser destinado e obrigado para toda a população. Assim,

À formação do homem surgem novos itinerários sociais, orienta-se segundos novos valores, estabelece novos modelos. [...] Opera-se assim uma radical pedagógica que segue caminho muito distante daqueles empreendidos pela era cristã (destinados a formar o homem para a *Civita Dei*. [...] Segue-se o modelo do *homo faber* e do sujeito como indivíduo (CAMBI, 1999, p. 198).

Essa nova era dá fim a todo aquele sistema que não tinha nenhum interesse em formar pessoas para a sociedade. Cada um trilhava o caminho que podia, mesmo sem educação e sem esperança nenhuma de ser reconhecido como “cidadão formal” com direitos e deveres. Mas, neste novo modelo em que o homem passa a ser reconhecido como indivíduo que constrói e modifica sua realidade, é necessário que exista algum tipo de formação mesmo que essa seja unicamente para o controle social das pessoas.

Toda sociedade se anima de locais formativos, além da família e da igreja, como ainda da oficina: também o exército, também a escola, bem como novas instituições sociais (hospitais, prisões ou manicômios) agem em função do controle e da conformação social operando no sentido educativo e entre essas instituições a escola ocupa um lugar cada vez mais central, cada vez mais orgânico e funcional para o desenvolvimento da sociedade moderna. (CAMBI, 1999, p. 198).

Nestas duas citações encontradas na obra *História da Pedagogia* retratando um pouco da educação do final da Idade Média iniciando a Modernidade, vemos claramente como a escola, a educação, o ensino formal e a sociedade no geral evoluíram. Porém, o ensino cada vez mais se coloca como um pragmatismo, ou seja, algo pensado para ser prático e rápido. As instituições criadas são formalizadas com o intuito de controlar as pessoas, colocar em um estado que não possam ir contra o sistema, pois desde cedo são adestrados a obedecerem ao sistema como ele os ensina. Seguindo essa linha de pensamento Valeirão (2009) aponta o que o Michel Foucault (1926-1984) diz sobre a instituição escolar;

Ao investigar minuciosamente os regulamentos das instituições disciplinares, Foucault atenta para o controle das minúcias que levará a todo um conjunto de informações e relações de poder e saber, donde, sem dúvida, constituiu-se o homem moderno. A escola faz parte de uma rede produtiva

que age sobre o corpo social, não somente enquanto poder repressivo, mas principalmente como um dispositivo de produção de subjetividade que diz respeito ao contexto disciplinar que ocorre tanto na sala de aula como para além dela, afetando o processo de constituição do próprio sujeito (VALEIRÃO, 2009, p. 4).

Com isso, vemos que a escola tem o poder sobre toda a sociedade, desde os anos iniciais do aluno em seus estudos, até mesmo depois de sua saída do espaço escolar. Obviamente, que todo esse controle é muito bem camuflado e distribuído, não deixando nenhum vestígio ou ideia que possam levar os estudantes a descobrirem que estão sendo moldados, nem mesmo quando estão já inseridos em seus empregos. Todo esse ato de não percepção do que está acontecendo em sua volta se dá devido a ideologia imposta dentro da educação. A esse respeito, Aranha (2006) menciona como essa forma de controle funciona tão bem, inserindo as ideologias dos “poderosos” da sociedade.

No entanto, nem sempre o trabalhador [que antes era o aluno] tem clareza da situação na qual se encontra, pois, a ideologia faz com que não percebam a exploração de que é vítima. A ideologia é o conjunto de representações e ideias, bem como de normas de conduta por meio do qual o homem é levado a pensar, sentir e agir de uma determinada maneira considerada por ele correta e “natural”. Assim, não percebem que essas representações e normas convêm a classe que detém o poder na sociedade. Essa percepção de realidade é ilusória, na medida em que camufla a divisão existente dentro da sociedade, apresentando uma e harmônica como se todos partilhassem dos mesmos objetos e ideais (ARANHA, 2006, p.31).

A sociedade tem o desejo de aprender e quem pode ensinar faz isso como bem entender introduzindo na sociedade seus conceitos e ideologias, direcionando para onde quer a realidade. Entretanto, essa ideia de controle altamente maquiada como educação tem seus lados negativos e positivos, se levarmos em consideração a educação existente na época anterior. Nela a educação formal existia unicamente para os que se destinavam ao celibato e o povo quando muito, aprendiam eram a profissão dos pais e as meninas se destinavam desde cedo a serem donas de casa.

Com essa nova ideia de educação, surgida na modernidade, em que a criança tinha seu lugar reconhecido na sociedade como criança e que deveriam estudar vários anos na escola para adquirirem uma educação formal, as pessoas menos favorecidas tinham alguma chance de estudar e aprender. Essa situação da classe subalterna, que não tinha nenhum tipo de educação formal, concretizava-se como mais uma oportunidade para se introduzir uma educação ainda mais ideológica e opressora, mesmo que a desculpa fosse que antes a sociedade não tinha educação nenhuma. Por isso,

A função da ideologia é, pois, ocultar as diferenças de classes, facilitando a continuidade da dominação de uma classe sobre a outra. A ideologia assegura a coesão entre os homens e a aceitação sem críticas das tarefas mais penosas e pouco recompensadoras em nome da “vontade de Deus” (no caso da modernidade do dever moral e da ordem social) ou simplesmente como decorrentes da “ordem natural das coisas” (ARANHA, 2006, p.32).

Neste novo modelo escolar moderno em que impera a ordem social, podemos colocar esse controle como direcionamento das pessoas e aquele que comanda o sistema educacional faz o que quer com a educação e com os que estão inseridos nela. O lema desse sistema é doutrinar, controlar, progredir e manter a ordem para que saiam das escolas prontas para adentrarem no meio social, não de qualquer forma, é necessário que ela receba uma “programação” de como se portar diante dos seus “superiores”. Nesse sentido,

Nele se afirma comportamentos de autocontrole e de conformidade a modelos comportamento de “boas maneiras”, que revelam o nascimento de uma nova sensibilidade social e de uma convivência que redescreve cada âmbito de ação do sujeito (desde assuar o nariz – com o uso do lenço – até estar à mesa – com o uso do garfo), censurado comportamento demasiado grosseiro e solicitando um minucioso controle (CAMBI, 1999, p.200).

Em meio a todo esse contexto de educação, ensino e direcionamento social, percebe-se que essa forma de ensino, visando a formação da mão de obra, tinham como finalidade para o pobre sair da escola para o mercado de trabalho.

O sistema capitalista moderno tinha como objetivo empregar trabalhadores dóceis que aceitassem tudo como estava sem reclamar de cargas excessivas de trabalho e dos baixos salários pagos por todo esse trabalho. Por isso, criam-se escolas com o intuito de educar, modificar, direcionar à sociedade, fornecer conhecimentos aos homens e torná-los dignos. É sobre essas bases que se efetiva a sociedade Moderna, onde por obrigação do governo todos tem o direito e o dever de frequentar a escola, seja ela pública ou privada.

Nessas condições educacionais, por mais que o homem pense ser livre para usufruir dos seus próprios pensamentos e ideias ele está apenas caminhando, segundo os passos trilhados pelas ideologias que a escola já lhe impôs.

Dessa forma, a escola foi inventada para disciplinar e governar os sujeitos modernos, dispensando o uso da violência, valendo-se de métodos sutis de persuasão que agem de forma indireta sobre suas escolhas, seus desejos e sua conduta, deixando o sujeito “livre para escolher”, mesmo que constantemente envolvido por normas que o aprisionam à sua própria consciência. Assim: a escola moderna é o lócus em que se dá de forma mais coesa, mais profunda e mais duradoura a conexão entre poder e saber na Modernidade. [...] funcionando, assim, como uma máquina de governamentalização que consegue ser mais poderosa e ampla do que a prisão, o manicômio, o quartel, o hospital (VALEIRÃO, 2009, p.1).

Deste modo, podemos concluir, à princípio, que mesmo com a escola totalmente formada com seus currículos devidamente selecionados, não encontramos nenhuma disciplina que nos remeta ou se assemelhe a Filosofia e a Sociologia, abordando as condições sociais e a realidade da época. Aparentemente tal disciplina é dispensável, pois a bem pouco tempo, nem escola existia. Obviamente que nesta época podemos encontrar vários filósofos com diversos assuntos diferentes à serem estudados.

A ausência da disciplina de Filosofia nas escolas não implica a ausência da filosofia em outras áreas, mas o que quero remeter é que na escola pública e privada que formava o cidadão para a sociedade não existia uma disciplina que pudesse fazer o aluno pensar e refletir sobre sua situação e condição social. É a partir desse ponto e contexto da não centralização filosófica nas escolas onde vou abordar as especificidades da filosofia da educação e seu ensino, mostrando como é essencial para a formação do ser humano.

A Filosofia da Educação “praticamente não existia” no medievo e na Modernidade. O que imperava era o controle social ideológico a partir da escola em que as pessoas eram educadas como simples “maquinas de produção e reprodução”, pois todo o ensino que havia era destinado a formação para o trabalho.

Assim, a Filosofia que tem como característica fundamental e essencial, fazer com que as pessoas pensem no que são e o que estão a fazer não tinham necessidade nenhuma em um sistema capitalista que visa a “escravidão” mental das pessoas.

Veremos mais adiante como a Filosofia pode interferir diretamente nos rumos que a educação deve tomar, abordando suas relações diretas com o ensino, seja ele formal ou não. Devemos entender, a princípio, que a filosofia esteve presente todo o tempo depois do seu “surgimento”, mas que nem por isso ela foi bem aceita.

2. A FILOSOFIA NA ESCOLA

Este terceiro ponto se destina a analisar as qualidades e finalidades do ensino de filosofia nas salas de aulas, tendo como objetivo mostrar como este ensino se caracteriza e quais suas possíveis utilidades. Porém, antes de adentrarmos no ensino concreto da filosofia é necessário explicar um pouco sobre a dificuldade enfrentada por esta disciplina para se consolidar no currículo educacional.

A filosofia por muito tempo foi considerada desnecessária dentro das salas de aulas. Os organizadores dos currículos viam como algo que não tinha utilidade dentro de um sistema que visa a formação unicamente para o mercado de trabalho, deste modo a filosofia quase sempre, nessa era Moderna e Contemporânea, fica de fora da educação formal. Sabemos, no entanto, que essa ausência da filosofia nos currículos não é necessariamente por sua inutilidade, mas sim por seu poder de auto-crítica e reflexão tanto é que na época da Ditadura Militar no Brasil ela foi excluída das escolas por ser considerada perigosa, já que colocaria ideias “revolucionárias” nas mentes dos estudantes, desse modo retirasse a filosofia para que o controle possa ser mantido.

Depois do término da Ditadura Militar foi elaborada uma nova lei educacional na década de 1990, a saber, a Lei nº 9.394/96, mais precisamente no artigo 36, que determina que ao final do ensino médio o estudante deveria “dominar os conteúdos de Filosofia e Sociologia necessários ao exercício da cidadania” e foi a partir daí que a filosofia começou a ganhar espaço entre as disciplinas escolares. Porém ela não foi aceita em várias escolas, pois esta lei também dava condição de opção da escola em ministrar a disciplina ou não, ficava a cargo e interesse da escola se colocaria ou não uma disciplina a mais para os alunos, com isso mais uma vez a filosofia é descartada. Por fim no ano de 2008 com a Lei nº 11.684 foi estipulado como obrigatório em todas as escolas do Brasil tanto públicas como privadas o ensino filosófico para o ensino médio.

Sabe-se que o ensino da filosofia se mostra como a possibilidade do fazer pensar, do refletir filosoficamente diante do mundo em que vivemos, onde o pensamento crítico sobre as coisas ao nosso redor está cada vez mais escasso, tendo a cada dia mais pessoas com ideias reduzidas a opiniões alheias, não ligando para o que é certo ou errado, deixando para que as outras pessoas lhe digam o que devem ou não fazer.

É necessário ressaltar que aqui não vamos colocar a filosofia como salvação do mundo, como se somente seu ensino fosse capaz de mostrar o que a maioria não consegue ver. Abordaremos como o seu ensino se mostra capaz de fazer as pessoas mudarem, se

realmente aceitarem essa possibilidade, deixando claro que é necessário mais que o ensino filosófico para tal mudança. Todo o contexto educacional com suas disciplinas e currículos estipulados, torna-se indispensável nesse processo de mudanças, desde que exista a vontade de aprender dos alunos para que possamos obter os resultados almejados.

2.1 O ensino de filosofia: Filosofia da educação.

A filosofia “surgiu” na antiguidade onde o homem não satisfeito com o fato de que os deuses tinham criado o mundo e tudo que nele há, quisera uma explicação real e comprovada, o que podemos chamar nos dias de hoje de explicação científica dos fatos verídicos, já que a ciência hoje é quem determina a veracidade de quase tudo.

Surgindo com os chamados pré-socráticos, que tinha como meio de conhecimento o estudo da natureza para saber de onde vínhamos e para onde iríamos. Juntamente com o desejo de conhecimento e rompimento de ideias prontas e impostas por outros, nasce a filosofia na antiguidade quando essas pessoas que eram destinadas à atividade de pensar, sentiram a necessidade de explicação de tudo, assim como saber qual o seu papel em toda aquela realidade.

Sabendo que nem todos podiam ou tinham a chance, tempo e dinheiro para fazer essas análises e estudos, pois naquela sociedade em que viviam, a grega, somente os aristocratas ascendiam a tal propósito, com tempo para pensar e viver no ócio. A maioria das pessoas era escrava, destinada ao trabalho e sem acesso à *skolé*.

Essa situação continuou, com pequenas mudanças, por muito tempo até início da idade moderna que vem como divisor de águas a respeito da escolaridade e educação para a maioria das pessoas. O ato de pensar era uma atividade muito laboriosa, pois era necessário um esforço muito grande para viver no ócio, apenas pensando, enquanto escravos faziam todo o trabalho pesado, seja da casa ou dos negócios para o cidadão livre. Assim, para a aristocracia, o ócio. Para os escravos, o negócio como ato de negar o ócio.

Já nesta época podemos perceber a força que a filosofia nascente exercia, quando se fala de educação e formação integral do homem. Podemos muito bem citar os grandes nomes da filosofia antiga que até hoje exercem grande influência sobre os temas. Além dos pré-socráticos temos Platão, Aristóteles e Sócrates como referências maiores, grandes filósofos que se faziam “professores, mestres” e ensinavam as pessoas como se deveria viver, buscando sempre a crítica reflexiva sobre a realidade, a não aceitação das coisas como aparentam ser, a busca por conhecimento e acima de tudo viver uma vida com sabedoria.

Seus ideários eram mostrar aos homens que a vida era bem mais do que seus olhos poderiam ver e que a verdadeira condição do homem estava no conhecimento que poderiam exercer. Platão, em suas ideias como a alegoria da caverna, nos mostra claramente como o homem deve exercer a curiosidade filosófica, praticar essa reflexão a todo o momento, não deixando que outras pessoas comandem suas decisões, mas que o indivíduo mesmo a tome por si próprio. Ele nos convida a olharmos para dentro de nós e analisarmos se, tanto nós mesmo quanto a nossa realidade/sociedade, está caminhando no rumo que deve seguir, se aquilo que aparenta ser, realmente é.

Nos dias de hoje nos deparamos com uma filosofia não muito diferente daquela. Aqueles que se dispõem a adentrar no mundo da filosofia e passá-la adiante por meio das escolas, ou seja, ensinar como pensar o mundo. Porém, não é simplesmente pensar, mas refletir com sabedoria impulsionando inquietações filosóficas e indagações sobre a realidade, elevando e revendo seus conceitos sobre ética e respeito a tudo. Por fim, viver uma vida baseada na reflexão filosófica.

O professor quer realmente fazer com que a sala de aula se torne um lugar onde ideias, pensamentos e desejos filosóficos se transformem em Filosofia levando o mundo, que cada dia mais está afundando no descaso ético, a refletir.

O autor Evandro Ghedin (2009) em sua obra “O Ensino de Filosofia no Ensino Médio” escreve sobre como estamos vivenciando o ensino filosófico nas salas de aula do ensino médio, mas esse modo de pensamento também abrange outros níveis de ensino.

Tomarei como base o pensamento do autor em questão para mostrar como o ensino filosófico se manifesta diante da realidade em que estamos inseridos e como esse pensamento chega às salas de aulas e no meio social.

A meditação filosófica é construtora de sentidos num mundo sem significados. É uma proposição da compreensão para construir um horizonte significativo para a vida. Por conseguinte, meditar sobre as respostas que a história construiu constitui caminho interpretativo do presente que pode iluminar nossa compreensão (GHEDIN, 2009 p. 39).

Assim como na antiguidade onde os filósofos tinham como meta abrir a mente das pessoas extraindo ideias e conceitos, filtrando o que fosse bom e jogando fora o que não servia, nos dias atuais o professor tenta caminhar neste mesmo sentido, apesar de estarmos em um sistema que o educador não é mais respeitado por quase ninguém. O educador filósofo se propõe a formar mentes que pensem sobre o que estão fazendo neste mundo. Segundo Ghedin (2009), dentro da sala de aula a filosofia tem como finalidade mostrar as várias faces de uma

mesma situação às pessoas para que assim vejam se estão realmente andando pelo caminho certo. Caso não estejam, a filosofia os convida a agir de forma diferente até que consigam se reconhecer diante da realidade.

O que se pretende neste meio educacional é formar pessoas críticas, analíticas que reflitam e ajam, pois nas instituições de ensino não encontramos nenhuma disciplina que mostre aos alunos como se deve pensar sobre as coisas que estão à sua frente. Por isso o aluno muitas vezes entra e sai da escola sem nem ao menos saber o que foi fazer naquele local.

É claro que todas as outras disciplinas são essencialmente importantes e indispensáveis para a formação e não devemos tomar a filosofia como salvadora do mundo, mas apenas uma com atributos diferentes, que ao invés de fazer com que os alunos apenas repitam o que outros já pensaram, possam ir além, formulando suas próprias ideias.

A filosofia entra como meio de mostrar a estas pessoas, sejam jovens ou adultos, como o mundo é com seus sistemas deturpadores que visam o massacre humano e o lucro financeiro acima de tudo. Vejamos o que Ghedin diz sobre o comportamento e finalidades do ensino filosófico nas escolas.

O ponto de partida do ensino de filosofia está nos problemas que ela propõe e propõe. O ponto de chegada deste ensino está na formação de mentes ricas em teorias, debruçadas no método e capazes de propor e desenvolver de modo metódico os problemas e de ler de modo crítico a realidade complexa do mundo (GHEDIN, 2009, p. 59).

Este ensino de filosofia, apesar de sabermos que estamos muito distantes de conseguir tal finalidade efetivamente, já que nas salas de aulas temos apenas resultados parciais, pretende levar o aluno ao pensamento reflexivo sem se perder em meio a tantas informações recebidas nesta era que a cada momento escutamos um noticiário diferente, cabendo a nós interpretar, identificando as parcialidades ou não do que se veicula como verdade.

Então o que se pretende é formar “filósofos” para a vida tomando como exemplos os grandes Filósofos e a história da filosofia para mostrar como o mundo pode ser diferente se colocarmos nossa mente para funcionar.

Como já mencionado, isso é uma tarefa muito difícil, pois não basta simplesmente falar em filosofia e a mágica acontece. É por isso que no ensino de filosofia tudo deve ser pensado e repensado para conseguir os fins almejados. Desse modo, o ensino de filosofia é um espaço para discussão de teorias e ideias, em que todos podem e devem ter e manifestar suas opiniões próprias, sabendo modificá-las conforme o decorrer da situação e aceitando as ideias dos outros conforme se mostrarem mais fundamentadas e consistentes.

As meditações para o ensino de filosofia no espaço das salas de aulas iniciam-se pela reflexão sobre a questão do método e suas implicações para o ensino da disciplina. O motivo de tal discussão consiste não na tentativa de assumir uma técnica mecânica para o pensar, mas na busca de problematizar a questão e situar-se criticamente a diante das mediações pedagógicas em filosofia (GHEDIN, 2009 p.30).

Tanto o ensino da filosofia quanto o próprio filosofar é um trabalho que requer muito tempo e dedicação, coisa que não temos enquanto professor nas salas de aulas, mesmo no nível universitário. No entanto, cabe a cada um dos que estão ministrando a filosofia fazer o melhor trabalho que puder. Quando se fala em efetivação do pensar dentro do ensino filosófico estamos falando a ascensão da busca pela reflexão clara e distinta, pois já se foi o tempo em que o professor era a personalidade maior e tudo o que era dito por ele era aceito como uma sentença verídica e incontestável. O que se pretende é formar essas mentes abertas para o pensar e para a reflexão.

Em meio a toda essa pesquisa surge a seguinte indagação: qual a relação do ensino de filosofia com a educação e mais, qual o sentido disso tudo com a formação da escola e suas doutrinas, já que o tema em questão é a Filosofia da Educação e a sua relação com o ensino? Seguindo esta mesma linha de raciocínio temos alguns apontamentos, tomando como meio o ensino formal que tem como objetivo a formação das pessoas e o ensino do que deve ser aprendido para o exercício da vida cotidiana.

Sabemos que a escola foi pensada como forma de civilizar, ensinar e doutrinar as pessoas e que conseqüentemente a educação no geral está pensada para exercer um papel formador de pessoas para toda a vida em sociedade. Os documentos que estipulam o currículo educacional são elaborados de forma que leve os alunos a uma formação para a vida toda. Uma desses documentos é o relatório da UNESCO sobre a educação para o século XXI, que mostra claramente os objetivos a serem alcançados. No mesmo sentido e direção temos a LDBEN e outros documentos que foram criados justamente para nortear a educação, seja ela, básica ou universitária.

Assim, a escola atual tem a finalidade básica e exclusiva da formação das pessoas e nessa formação podemos encontrar a faculdade do ensinar a pensar, pois não é só a filosofia quem tem a função e finalidade de adentrar no ensino reflexivo. O que deixa o pensamento filosófico intrigado com isso tudo é que as instituições de ensino, juntamente com o currículo educacional, têm seus próprios objetivos dentro desta educação.

Todo esse sistema educacional é elaborado e formulado por governantes e esses, por sua vez, dentro dos regulamentos elaboram os currículos e carga horária da forma que

acharem que se encaixará melhor no sistema, não tendo muita diferença da escola do início da modernidade, na qual tudo era formulado seguindo interesses.

Hoje, um exemplo disso é o documento intitulado *Pátria Educadora*, formulado pelo Ministro da Secretaria de Assuntos Estratégicos, Mangabeira Unger, que em suas palavras disse que o documento visa o melhor para a sociedade e que foi analisado pela maioria das pessoas. Até onde se sabe, esse documento foi exposto sem que muitas pessoas soubessem de sua real existência. A questão é: será que essas mudanças estão sendo tomadas em apoio a quem realmente precisa? Como será executado essas mudanças educacionais?

A respeito dessas indagações, sobre como o sistema age, Evandro Ghedin (2009, p. 63) diz que “as instituições ensinam a pensar de acordo com o próprio esquema reprodutor de sua forma de organizar o poder, e não como potencialidade de emancipação. O pensar do sistema é uma reprodução de sua própria tradição”.

Visando a pergunta anterior que se remetia à qual o sentido disso tudo e qual a relação com a educação, podemos ver que a relação encontrada é que a escola foi pensada para o bem da sociedade e o objetivo central era sem dúvida conceder uma educação social para todos. No entanto, quando o sistema de interesses se apossou dessa instituição colocando seus interesses a frente de tudo, a escola se tornou um instrumento de controle social, como citado acima, e o currículo é formulado por ministros e podem ou não colocar “seus próprios interesses” nesse meio.

Em contrapartida a filosofia busca mostrar uma educação imparcial buscando apontar o que está certo ou errado dentro da própria educação. Na verdade, o que se pretende com o ensino da filosofia é a formação completa do homem. A escola aborda esse ponto, mas o que se ressalta é que a filosofia complementa e completa essa formação.

Educar exige cuidado; cuidar é educar, envolvendo acolher, ouvir, encorajar, apoiar, no sentido de desenvolver o aprendizado de pensar e agir, cuidar de si, do outro, da escola, da natureza, da água, do Planeta. Educar é, enfim, enfrentar o desafio de lidar com gente, isto é, com criaturas tão imprevisíveis e diferentes quanto semelhantes, ao longo de uma existência inscrita na teia das relações humanas, neste mundo complexo. Educar com cuidado significa aprender a amar sem dependência, desenvolver a sensibilidade humana na relação de cada um consigo, com o outro e com tudo o que existe, com zelo, ante uma situação que requer cautela em busca da formação humana plena (BRASIL, 2013, p. 20).

Com isso, vemos que a escola ensina a pensar, não fazendo mais que sua obrigação. Mas de um modo controlado, ensina conforme o sistema quer que nós caminhemos. Tudo isso não se difere de outras épocas que temos controle total sobre a educação. Apesar de hoje

estarmos em condições da educação bem mais evoluída com vários meios de conhecimento e informação continuamos com as mesmas formas de controles educacionais. Assim,

A filosofia impede a estagnação que resulta do não questionamento, sua investigação não está alheia a ética e à política, fazendo com que se confronte sempre com o poder. Daí a sua função de desvelar a ideologia, as formas pelas quais é mantida a dominação (ARANHA, 2006, p. 107).

A filosofia nesse sentido, tenta abordar o que não está aparentemente visível, mas oculto aos olhos dos mais despercebidos, tendo como finalidade mostrar essa realidade tanto do meio educacional quanto da vida do próprio aluno. É nesse mesmo sentido que adentramos no próximo ponto mostrando qual a finalidade da Filosofia da Educação e sua relação com o ensino formal abordando pensamentos e teorias sobre o assunto, tanto atuais quanto históricos, levando em consideração o início do trabalho que relaciona o passado com o presente da educação e da própria filosofia.

3. A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO E SUA RELAÇÃO COM A FORMAÇÃO DO HOMEM.

Este ponto tem como objetivo retratar a Filosofia da educação em si, mostrando os objetivos de sua efetivação filosófica e educacional, abordando os principais aspectos desta área no ensino e fora dele. Neste ponto descrevo alguns conceitos da filosofia da educação analisando as relações entre o passado e o presente desta área da filosofia, mais especificamente suas especificidades no ensino atual e sua importância fora das salas de aulas.

Abordaremos também suas teorias e críticas, mais precisamente a sua finalidade em meio a tanta informação previamente citada, desaguando em uma breve concepção de emancipação intelectual. Deixando claro que não coloco a filosofia da educação acima de tudo e de todos como se ela fosse a única disciplina ou linha de pensamento capaz de fazer com que o homem seja capaz de pensar por si só e se libertar dos dogmas existentes na sociedade. O que proponho é mostrar como esta área da filosofia dentro do ensino consegue quebrar barreiras e elevar o conhecimento tanto dos educandos como dos próprios professores.

3.1 Filosofia da educação. O que ela é capaz de fazer?

O homem, por natureza, tem o desejo de conhecer, já dizia Aristóteles (384-322 a. C.), mas é necessário que alguém lhe transmita e lhe guie para tal conhecimento. Como podemos ver no decorrer deste trabalho a escola é a detentora do conhecimento e a responsável por distribuir à sociedade os conhecimentos necessários à socialização. Também vimos que em determinadas épocas não se preocupava em mostrar a sociedade como as coisas realmente eram, ensinavam apenas o que lhes eram necessários para a ordem social, ou seja, quem era detentora do “saber” não queria dividi-lo com os demais. E em outros momentos vimos algumas definições de educação formal abordando os seus objetivos tanto no passado quanto no presente, e para darmos seguimento aos interesses da relação entre a Filosofia e a educação é necessário explicitar mais alguns conceitos.

O livro Fundamentos da Educação (2009) nos apresenta um pouco da intenção da educação atual, mostrando o caminho que a sociedade capitalista está trilhando. Apesar de muitas modificações para melhor em relação às escolas do passado, percebemos que não há muita modificação no quesito conhecimento e emancipação pessoal e social. Vejamos o que diz a citação.

A educação formal, cada vez mais, está se encaminhando para uma formação técnica, em que aprender, formar-se significa receber um “canudo”, um comprovante de que se está apto para entrar no mercado de trabalho. O educador como parte da sociedade em que a escola foi fundada, deve ter em mente que formar é muito mais do que preparar para o trabalho. Formar é levar o educando a “filosofar” sobre o que aprende, sobre o conteúdo formal, sobre as coisas que o rodeiam. Qual o rumo da educação? O rumo da educação deve ser a formação integral de seus estudantes, formar seres humanos que busquem e aspirem entender o mundo. É preciso rever as metas a que a educação deve chegar, pois os objetivos devem ser claros e funcionais, no sentido de despertar interesses e preocupações e não simplesmente ter como fim a preparação profissional (UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL, 2009 p. 43).

Ou seja, apesar de haver mudanças significativas com currículos melhorados, carga horária estipulada, leis de diretrizes que organizam e sancionam o ensino, ainda assim percebemos as marcas do controle social dentro da escola, impondo formação técnica e deixando de lado a formação intelectual. No entanto, não nos deteremos a analisar o que ou como a escola está caminhando, já que isso foi estudado nos tópicos anteriores, veremos as especificidades da filosofia da educação na escola.

Sabe-se que a Filosofia da Educação serve para “desbanalizar” aquilo que é considerado banal dentro das relações humanas, além de tornar claro aquilo que está “oculto” diante do preconceito e menoridade intelectual da sociedade, e que serve numa primeira instância, para apontar à sociedade aquilo que aparentemente está escondido, obviamente, dentro dos “territórios da educação”.

Em seguida vem como meio de mostrar às pessoas como se deve pensar sistematicamente, já que para pensar e expor ideias é preciso métodos no pensamento, pois não se pode pensar de qualquer maneira, muito menos sair distribuindo ideias tolas por aí. Com isso, é necessário um método que dentro dos parâmetros da filosofia, seria o método do pensar criticamente. É aqui que entra a filosofia da educação para mostrar como se deve pensar e repensar, ver e rever a educação neste mundo “caótico” em que vivemos que está em constante movimento e transformação, sendo necessário algo que acompanhe e sempre “atualize a educação”.

Em todo esse contexto podemos citar vários autores que defendem a efetividade da Filosofia como exercício do pensar e da emancipação intelectual nas salas de aula e fora delas. Vou citar a seguir alguns conceitos e autores conhecidos para fundamentar a tese da importância da Filosofia na educação, começando por Marilena Chauí que especifica muito bem a caracterização da filosofia como pensamento crítico, sistemático e de boa conotação

para uma formação social que não vise apenas o aprisionamento intelectual. Ela expõe essa ideia dizendo como deve ser inserido nas salas de aulas. Vejamos

O conhecimento filosófico é um trabalho intelectual. É sistemático porque não se contenta em obter respostas para as questões que se apresentam, mas exige que as próprias questões sejam válidas e que as respostas sejam verdadeiras, estejam relacionadas entre si, esclareçam umas às outras, formem conjuntos coerentes de ideias e significações, sejam provadas e demonstradas racionalmente (CHAUÍ, 2014, p. 23).

Em meio às circunstâncias de formação do homem para vida por meio da educação, a filosofia se torna a base principal para a formação completa do homem, pois sempre se preocupou com a condição de conhecimento e exercício do saber humano para estipular as vias que este pode e deve tomar para melhor viver. Esta, adentrando no meio educacional, provoca mais que um simples conhecimento, torna possível a reflexão dentro da reflexão. Assim, todo pensamento, ideias e teorias que a filosofia pensa é repensada e apurada na busca dos melhores caminhos e melhores respostas.

Não poderia ser diferente quando a mesma adentrasse nas estruturas educacionais, causando, obviamente, indagações sobre como a educação estaria seguindo e se realmente está no caminho adequando. Caso não esteja, quem se dispuser a levar à frente, causará modificações significativas a seu respeito. Observemos o que Aranha (2006) diz a respeito da filosofia da educação e sua força e necessidade educacional dentro das salas de aulas.

Contudo, a filosofia é necessária. É a filosofia que reúne os pensamentos fragmentados pelas ciências e as demais formas de conhecimentos, buscando compreender o mundo da técnica dilacerado em tantas especializações. Quer resgatar, assim, a unidade que se encontra no sentido humano do pensar e agir (ARANHA, 2006, p. 107).

A filosofia em suas especificidades do ensino é quem consegue abordar todo o contexto da realidade, mostrando suas fraquezas e levando-as à reflexão cotidiana. A Filosofia da Educação não se coloca nestes questionamentos como lei que deve ser seguida como certa, mas na condição de questionadora, analisadora do contexto. Estando errado ela tenta alertar e se está correto ela elogia dando as devidas considerações.

Não devemos tomar a filosofia da educação como “sabichona” dona e detentora de toda a verdade, mas sim tê-la como uma ação crítica necessária que está aí para mostrar as pessoas e ao sistema se o que realmente é dito está sendo cumprido e efetivado e se realmente é o melhor para todos.

Dando seguimento às citações, temos Kohan (2003) falando a respeito da filosofia da educação, ligando-a brevemente ao que a autora Aranha menciona, na citação acima, mostrando a filosofia como uma necessidade fundamental dentro do ensino educacional.

Desse modo, a filosofia da educação se faz exercício que não explica, não legitima, não consolida. Escapa à tentação de constituir-se como lei e como verdade. Pelo contrário: dessacraliza, polemiza, interroga. Impede que ensinemos da forma como ensinávamos, que pensemos a educação da forma como a pensávamos, que sejamos os mesmos educadores que éramos. Permite-nos pensar, ser e ensinar de outro modo. Esse é seu valor filosófico e pedagógico: mergulhar o leitor em um círculo do qual só pode sair valendo-se de sua própria inteligência. Disruptor dos círculos do óbvio, do normal e do inquestionado que habita em nós, esse outro círculo faz da emancipação uma questão de sobrevivência (KOHAN, 2003, p. 5).

A emancipação mencionada por Kohan se liga diretamente a questão dos currículos da educação da idade média e início da modernidade, como já mencionado, em que o aluno se detém apenas aos conhecimentos e informações dita por outros, não tendo a opção de formular suas próprias ideias. Porém, sabemos da necessidade que o homem tem de se libertar e buscar o melhor para si e que essa necessidade tende a levar ao pensamento livre e emancipação pessoal.

No entanto, dentro desta perspectiva de currículo e emancipação pessoal do educando é sabido que a educação formal atual está ligada diretamente com a perspectiva de formação das pessoas para um futuro (próximo?). Ou seja, o aluno tem que estudar para quando terminar o colégio obter as habilidades suficientes para poder trabalhar ou exercer qualquer função na sociedade, que só lhe é concedida se tiver estudo, pois, quase sempre é necessário determinado nível de estudo para poder trabalhar ou prestar algum tipo de concurso.

Entretanto, isso não é o suficiente, essa concepção de futuro próximo deve ser estendida a uma distância maior que tenha como objetivo não somente um emprego após a saída da escola ou o sucesso pessoal, mas sim um futuro garantido para todos que fazem parte do nosso meio.

No contexto educacional o homem deve pensar além, abrir realmente seus olhos em direção a um futuro diferente do que está sendo trilhado, agindo e modificando, colocando metas sociais, visando sempre o melhor para todos.

Por isso, a educação deve ser pensada e modificada sempre visando o melhor para todos e, mais importante que isso, deve ser pensada visando à formação do homem enquanto tal, formando-o por completo, pois umas das tarefas mais difíceis é a formação do ser social.

Neste sentido, a educação deve pensar o homem em si, juntamente com a formação e as condições em que ele deve assumir e essa formação é pensada desde a antiguidade pela filosofia.

Aranha (2006) ressalta que para uma educação que vise à formação integral do homem seja esta ética, política ou existencial, a filosofia da educação se coloca em um patamar acima das demais disciplinas. A esse respeito Aranha (2006, p. 107) afirma que “É a reflexão filosófica que permite ao homem adquirir outra dimensão além daquela que é dada pelo agir imediato, no qual estamos mergulhados no dia a dia”.

O homem sem conhecimento é como um fantoche nas mãos de seus senhores, pois esses o colocam e o direcionam para onde querem. Ao saber questionar e refletir sobre o que acontece ao seu redor o homem se torna capaz de ver além do que lhe é dado, do que lhe é mostrado, adentrando e aprofundando os conceitos mais simples e escondidos que passam despercebidos nas relações de ensino.

O homem despolitizado (sem conhecimento social) compreende mal o mundo em que vive e é manipulado por aqueles que estão no poder. Pois, se ocupam o poder à revelia dos interesses da maioria e podem nele se manter pela força, outras vezes o recurso usado é mais sutil e a submissão é conseguida pelo consentimento (ARANHA, 2006, p. 30).

Aquele que não busca o conhecimento do que lhe cerca se torna uma peça fácil de ser manipulada. É justamente nesse contexto que a filosofia da educação se coloca contra todo esse sistema manipulador levando e elevando o conhecimento, ideias e teorias que transformam a sociedade em algo melhor.

A filosofia da educação tem sua importância dentro do âmbito do ensino na seguinte forma: já sabemos que uma das funções dentro do contexto filosófico é mostrar quais os meios que se deve seguir para uma boa educação voltada para a crítica reflexiva dentro do âmbito educacional. Diferentemente das “outras áreas” da filosofia que já tem seus objetos definidos e especificados, a Filosofia da educação é capaz de estudar toda a filosofia no geral, já que o seu intuito é analisar qual a melhor forma de se adquirir o pensamento reflexivo sobre os fatos filosóficos e sociais para que não cometamos os mesmos erros que outros cometeram.

Com isso a Filosofia da Educação pretende analisar e tentar modificar para melhor e para que os educandos e os sistemas educacionais não cometam os mesmo erros que outrora cometeram na educação.

3.1 A filosofia da Educação para além da sala de aula.

Vivemos em uma sociedade que a cada dia que passa requer mais e mais conhecimentos tecnológicos e profissionais, não abrindo muito espaços para pessoas que levam a vida trabalhando com pensamentos ou teorias. O que se pede é que possamos trabalhar para ganhar dinheiro e assim dar rumo a nossa vida, afinal, é necessário trabalhar para sobreviver.

Podemos perceber que o sistema vigente denominado de neoliberalismo, visa tirar das pessoas sua capacidade real de pensar, agir e refletir para usar somente a capacidade de agir no trabalho. Essa ideia seria apenas para mostrar que somos humanos e pensamos, mas que se fosse possível se desligaria esta função deixando no automático apenas a opção “trabalhar”.

Como já mencionado, a educação infantil é à base de toda educação formal, pois é ali que somos formados e direcionados ao que iremos gostar ou não nos anos que se seguem. Porém, nos dias atuais, a ideia é codificar, programar de determinada forma para que não possamos sair desses parâmetros e normas impostas.

Ao contrário do que vemos nestes parâmetros institucionais regulamentadores da educação, os textos apontados na perspectiva da Teoria Crítica² levam o seu contexto diretamente para a educação e formação do homem a partir da educação, do esclarecimento e do entendimento humano a respeito das coisas que acontecem em sua realidade. A partir disto entendemos que o homem só chega ao verdadeiro conhecimento e emancipação quando resolver abandonar os velhos costumes, deixar de atender e acreditar naquilo que lhe dizem e passar a trilhar seu próprio caminho com suas próprias experiências e conhecimentos.

Exemplo disso é quando Odisseu, mencionando a Odisseia, resolve abandonar as crenças que os outros lhe impuseram e provar por si mesmo se o canto das sereias era realmente tudo aquilo que os mitos falavam. A partir de tal experiência o Odisseu confirma a veracidade dos fatos, adentrando assim em um novo patamar de conhecimento, já que não mais depende de informações vindas de outros, mas a verdadeira confirmação ele teve por si mesmo Adorno e Horkheimer (1985).

A ideia que esses autores nos passam aqui é que dentro do âmbito do conhecimento não devemos ser levados pelo que os outros acham ou dizem saber, mas devemos por nós mesmos buscar o nosso próprio entendimento. Esta ideia da Dialética do Esclarecimento é justamente para mostrar que o aluno, o homem tem que ir além daquilo que os professores

² Especialmente as obras *Dialética do esclarecimento*, de Adorno e Horkheimer (1985) e, Adorno, T. *Educação e Emancipação*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995.

dizem nas salas de aulas, além daquilo que os pastores falam nas igrejas, além daquilo que os chefes falam nos trabalhos. Dito de outra maneira, pensando, formulando perguntas e indo atrás de respostas, pois nem sempre o que vem de bom grado é que é realmente certo. O ser humano tem que andar com suas próprias pernas e formular suas próprias ideias. Deste modo, Adorno deixa claro que só é possível uma verdadeira educação emancipatória, fazendo relação com o texto educação e emancipação, se mostrarmos aos aprendizes todo o contexto histórico da realidade para que as faltas que ocorreram no passado não ocorram novamente no tempo presente, transformando toda a educação em um processo de esclarecimento, iluminação das ideias educacionais, libertando o homem de dogmas e ideias pressupostas anteriormente e instruindo-os a criar suas próprias ideias.

Adorno (1995), diz que a educação que vise o esclarecimento não deve afirmar o mundo como ele é, mas deve negá-lo em um processo dialético mostrando como realmente ele é para que depois possa interferir e modificá-lo. O processo dialético se dá de forma clara quando Adorno diz que a chave para o esclarecimento é a não aceitação do que lhe dizem. Assim como Sócrates em seus diálogos sempre colocava uma pergunta em cima de uma resposta, as pessoas devem ter a capacidade de perguntar se a sociedade é realmente isto que aparenta, surgindo assim à ideia de que é necessário ir além do que meus sentidos podem alcançar.

Diante das indagações mencionadas acima podemos ver dois extremos, um que menciona a educação como reguladora, que forma e deforma a sociedade, levando-a conforme o mercado solicita e a mídia direciona, instruindo unicamente para o mercado de trabalho e a indústria cultural. No outro extremo o que a Filosofia em todo o seu contexto de busca da verdade quer mostrar, que é possível uma libertação de todo esse sistema a partir do esclarecimento das ideias sociais e filosóficas, buscando as verdades dos fatos.

A realidade está aí para ser estudada, cabe ao homem se colocar em ponto de questionador negando toda a realidade não aceitando tudo como aparenta ser e confrontando diariamente a sociedade para se ter certeza que o que está exposto realmente é.

CONSIDERAÇÕES.

A educação formal da atualidade, com todos os seus currículos e parâmetros está relacionada diretamente com a formação moral e social das pessoas no intuito de formar o ser humano para o exercício de sua cidadania e, no caso do Brasil ao analisarmos os documentos que legalizam e norteiam esta educação, serve como base e formação para o mercado de trabalho. Com isso, esta educação formal exerce dupla função na sociedade. Instrui no caminho moral de respeito à sociedade e obediência a suas regras, sabendo de seus direitos e deveres, aprendendo a viver e a conviver com o seu semelhante. A segunda função serve como formação para o mercado de trabalho, ou seja, a formação da mão de obra “qualificada” e especializada com suas competências e habilidades. No entanto esta segunda “função” é quase sempre camuflada, pois nas escolas normais não é nada interessante informar aos alunos e à sociedade que eles estão sendo formados unicamente para preencher as fabricas com sua mão-de-obra.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, juntamente com a Lei de Diretrizes e Bases que são os documentos responsáveis pela organização do currículo educacional brasileiro, estipulam que ao final do ensino médio o aluno tenha aprendido e apreendido as noções básicas e fundamentais de convivência com a sociedade. Para tal tarefa, a escola tem que se esforçar para que essa formação seja de fato verídica e eficaz, levando em consideração todos os anos anteriores que se passa na escola. No entanto, o que temos são escolas que estão cada dia mais direcionadas à formação qualificadora que se empenham em formar especialistas que exercerão determinadas funções dentro do mundo capitalista.

Podemos citar aqui as escolas técnicas que fazem uso do pedido social e da demanda que o mercado de trabalho solicita juntamente com o avanço das tecnologias que requerem pessoas capazes de manejar e evoluir junto com todo esse sistema.

Essas escolas fornecem a formação necessária e fundamental ao aluno, porém focam diretamente na formação “profissionalizante” tendo como objetivo fornecer pessoas com qualificações para o ingresso nas indústrias e mercados. Ou seja, durante os anos que passam nas escolas o aluno tem a formação tecnológica profissionalizante, de trabalhos em equipe, aprendendo a tomar iniciativas, aprendendo como tomar conta de determinados trabalhos, mas não obtém uma formação teórica, moral e filosófica adequada para que possa analisar toda a realidade que está ao seu redor. Nesses requisitos de pessoas que a sociedade solicita é necessário que assim como uma máquina o aluno não saiba pensar, mas que seja unicamente programado para fazer aquilo que lhe dizem.

Não se defende aqui a ideia de que as escolas técnicas são coisas ruins para a sociedade, mas que somente a formação sem informação e conhecimento é prejudicial, pois, cria-se um exército de pessoas que não pensam e engolem tudo que os mais “instruídos” lhes digam. Podemos comparar esta educação com o que Adorno chama de indústria cultural, que para ele o mercado industrial produz coisas e modas endereçadas a determinados públicos, mas que de certo modo induz e coage a usar mesmo que não se perceba.

Essa educação cria artigos, modas e conceitos que as mídias se encarregam de nos fazer usá-las e aceitá-las. Semelhantemente e desta mesma forma se comporta a educação, pois a sociedade requer uma educação que forme mão de obra qualificada e especializada em tecnologias e a escola se encarrega de formar essas pessoas, mesmo que muitas vezes não saiam tão qualificados assim.

Podemos, no final do trabalho ter ficado com a seguinte pergunta: mas afinal o que mesmo a filosofia é capaz de fazer? Concluimos com a certeza de que a Filosofia da Educação não é o Messias que “há” de vir salvar o mundo, mas que é capaz de desvelar e indicar como se deve caminhar, cabendo a cada um trilhar o seu caminho seja pela sabedoria seja pela ideologia.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Teodor W. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995.

ADORNO, Teodor W. e HORKHEIMER,Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro, Zahar, 1985.

ARIES, Phillipe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro, LTC- Livros técnicos e científicos S.A. 1981.

ARANHA, M. L. A. **Filosofia da educação**. São Paulo, moderna, 2006.

AVELINO, R, O. VALEIRÃO, Kelin. **A escola enquanto instituição disciplinar**. 2009, disponível em; <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0224.html>. Acessado em 01/04/2014.

CAMBI, F. **História da pedagogia**. São Paulo, Editora da UNESP, 1999.

CHAUÍ, Marilena. **Iniciação à Filosofia**. São Paulo, Ática, 2014.

GHEDIN, Evandro. **O ensino de filosofia no ensino médio**. São Paulo, Cortez, 2009.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica**. Brasília, 2013.

KOHAN, W. K. **Três Lições de Filosofia da Educação**. Campinas- SP, Revista Educação e Sociedade, vol. 24, n. 82, p. 221-228, abril 2003. Disponível em; <http://www.cedes.unicamp.br>

UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL. **Fundamentos da Educação**. Curitiba-PR, ibpex, 2009.

ANEXOS

CURRICULO ESCOLAR MEDIEVAL

O texto que segue se trata de um pequeno artigo publicado em uma revista eletrônica por Luiz Jean Lauand, mostrando como eram as divisões e currículos da escola na época medieval, portanto não se atribui a mim a escrita de tal texto, tomo apenas como complemento de informações.

Como na Idade Média havia um monopólio da cultura e do pensamento por parte da Igreja Católica, a educação teve grande influência religiosa. Eram os integrantes da Igreja que estabeleciam o que deveria ser estudado, os conteúdos e os objetivos da educação. As escolas eram, portanto, associadas às instituições religiosas católicas. Embora controlada pela Igreja, a educação não ficou apenas no campo religioso, abrindo também espaço para o estudo das ciências, técnicas e habilidades.

Principais objetivos da educação medieval

- Transmissão de técnicas adquiridas
- Formação religiosa
- Desenvolvimento da leitura e escrita do latim
- Desenvolvimento de habilidades como falar, refletir, pensar, debater e concluir.

Currículo básico da educação na Idade Média:

- Gramática, dialética, retórica, geometria, aritmética, lógica, música, astronomia e latim.

Tipos de Escolas

- Escolas Paroquias: voltadas, principalmente, para a formação de padres. Ensinava-se, basicamente, temas religiosos já que o objetivo principal era a formação sacerdotal.
- Escolas Monásticas: eram voltadas, principalmente, para a formação de monges. Funcionavam em sistema de internato. Latim, canto gregoriano, textos sagrados (entre eles a Bíblia) e Filosofia eram os principais temas estudados nestas escolas. Valorização do trabalho e disciplina também eram importantes nestas escolas.
- Escolas Palatinas: tinham como objetivo a formação mais ampla do indivíduo. Estudavam nestas escolas, principalmente, os filhos de nobres. Exigiam muita dedicação e empenho dos

estudantes, pois tinham um currículo vasto. As principais disciplinas estudadas eram: Gramática, Aritmética, Geometria, Astronomia, Dialética, Retórica, Filosofia e Música.

- Universidades Medievais: surgiram na Europa no século XII. As primeiras foram fundadas na França, Inglaterra e Itália. Eram comunidades formadas por mestres e estudantes (universitas) voltadas para o ensino, pesquisa, produção de conhecimentos, reflexão e debate. Serviram de modelo para as Universidades que temos até hoje. Em função dos temas polêmicos que levantam e discutiam de forma aberta, sofreram muita intervenção de reis, ordens religiosas e até mesmo do papa. Após uma formação básica (Gramática, Retórica, Aritmética, Geometria, Filosofia, Lógica e Astronomia), os estudantes podiam prosseguir seus estudos em áreas específicas. Os primeiros cursos universitários na Idade Média foram de Medicina, Teologia e Direito.

Quem eram os estudantes

Grande parte dos estudantes da Idade Média vinha da nobreza, pois esta camada social possuía recursos financeiros para manter os filhos nas escolas. Os nobres decidiam quais filhos iriam para a área militar (formação de cavaleiros), para a formação técnica (escolas formais) ou formação religiosa (escolas monásticas).

Já os camponeses e seus filhos, sem recursos financeiros e presos às obrigações servis, não tinham acesso à educação escolar, ficando sem saber ler e escrever por toda vida.

Nos séculos XIV e XV (final da Idade Média), com o surgimento da burguesia, as escolas e universidades passaram a ter muitos estudantes oriundos desta nova camada social. Os filhos dos burgueses iam para escolas e universidades que davam formação mais ampla ou de caráter técnico. Os burgueses buscavam formar seus filhos em áreas como Medicina, Artes, Direito, Filosofia e Arquitetura. Claro que muitos burgueses também direcionavam os estudos dos filhos para que estes continuassem o negócio da família nas áreas de comércio ou finanças.

Disponível em http://www.suapesquisa.com/idademedia/educacao_idade_media.htm